

**A trama viva como ontoepistemologia pedagógica situada: fenomenologia social e educação intergeracional na Universidade da Maturidade (UMA/UFT) na Amazônia Legal**

*The living weft as situated pedagogical ontoepistemology: social phenomenology and intergenerational education at the University of Maturity (UMA/UFT) in the Legal Amazon*

*La red viva como ontoepistemología pedagógica situada: fenomenología social y educación intergeneracional en la Universidad de la Madurez (UMA/UFT) en la Amazonía legal*

**Marileide Carvalho de Souza**

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3291-1094>

**Neila Barbosa Osório**

Pós-Doutora em Educação  
Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6346-0288>

**Luiz Sinésio da Silva Neto**

Pós-Doutor em Fisiologia do Exercício Aplicada à Clínica  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>

**Jocyléia Santana Santos**

Pós-Doutora em Educação  
Brasil Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2335-121X>

**Maria José de Pinho**

Pós-Doutora em Educação  
Universidade do Algarve, Portugal  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2411-6580>

**Djanires Lageano Neto de Jesus**

Pós-Doutorando em Gerontologia  
Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1434-5080>

**Ricardo Pocinho**

Pós-Doutor em Ciências da Educação  
Universidade de Coimbra, Portugal  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1307-5434>

**Nair Gonçalves Rech**

Mestranda em Desenvolvimento Local  
Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Brasil  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5269-3098>

**Recebido em:** 27/02/2026

**Aceito em:** 01/05/2026

DOI: 10.23900/ra.v24i112.814

### Formato de citação:

Souza, M. C. de, Osório, N. B., Silva Neto, L. S. da, Santos, J. S., Pinho, M. J. de, Jesus, D. L. N. de, ... Rech, N. G. (2026). A trama viva como ontoepistemologia pedagógica situada: fenomenologia social e educação intergeracional na Universidade da Maturidade (UMA/UFT) na Amazônia Legal. *Aposta: Revista De Ciencias Sociales*, 24(112), e814. <https://doi.org/10.23900/ra.v24i112.814>

### Resumo

Este artigo investiga os significados das práticas pedagógicas intergeracionais desenvolvidas na Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), à luz da fenomenologia social de Alfred Schutz, com ênfase na Trama Viva, ontoepistemologia pedagógica situada concebida e desenvolvida por Neila Barbosa Osório ao longo de vinte anos de práxis pedagógica em vinte e dois polos e com mais de sete mil e quinhentos sujeitos formados. A pesquisa adota abordagem qualitativa de inspiração fenomenológica e articula a fenomenologia husserliana, a fenomenologia social de Schutz, a fenomenologia da corporeidade de Merleau-Ponty, a pedagogia crítica de Paulo Freire e bell hooks, bem como os fundamentos metodológicos do método fenomenológico descritivo de Amedeo Giorgi. O campo empírico abrange seis polos da UMA/UFT no Tocantins (Palmas, Dianópolis, Tocantínia, Araguaína, Tocantinópolis e Brejinho de Nazaré), com horizonte comparativo projetado para o Polo de Soure, em Portugal. Os dados foram produzidos por meio de 35 entrevistas fenomenológicas, rodas de memória, observação participante e diário de campo. Os resultados revelam que as práticas pedagógicas intergeracionais da UMA/UFT se constituem como experiências de construção intersubjetiva de sentidos, nas quais memória, narrativa, corporeidade, território e pertencimento se entrelaçam, promovendo a ressignificação do envelhecer, a legitimação dos saberes da experiência, a reconstrução biográfica dos participantes, a destipificação do etarismo e a ampliação do sentimento de pertencimento à universidade e à comunidade. Conclui-se nesse período de qualificação pelas pesquisas realizadas, que a educação intergeracional, quando fundamentada na fenomenologia social e mediada pela Trama Viva, constitui prática de liberdade, humanização, reconhecimento e produção de conhecimento.

### Palavras-chave

Fenomenologia social, Educação intergeracional, Universidade da Maturidade, Trama Viva, Mundo da vida, Envelhecimento, Amazônia Legal.

### Abstract

This article investigates the meanings of the intergenerational pedagogical practices developed at the University of Maturity of the Federal University of Tocantins (UMA/UFT), in light of Alfred Schutz's social phenomenology, with emphasis on Trama Viva, a situated pedagogical onto-epistemology conceived and developed by Neila Barbosa Osório over twenty years of pedagogical praxis, across twenty-two centres and with more than seven thousand five hundred trained subjects. The research adopts a qualitative approach of phenomenological inspiration, bringing into dialogue Husserlian phenomenology, Schutz's social phenomenology, Merleau-Ponty's phenomenology of corporeality, the critical pedagogy of Paulo Freire and bell hooks, and the methodological foundations of Amedeo Giorgi's descriptive phenomenological method. The empirical field encompasses six UMA/UFT centres in the state of Tocantins (Palmas, Dianópolis, Tocantínia, Araguaína, Tocantinópolis, and Brejinho de Nazaré), with a projected comparative horizon at the Soure Centre, in Portugal. Data were produced through 35 phenomenological interviews, memory circles, participant observation, and field notes. Findings reveal that the intergenerational pedagogical practices at UMA/UFT are constituted as experiences of intersubjective meaning-making, in which memory, narrative,

corporeality, territory, and belonging are intertwined, promoting the re-signification of ageing, the legitimation of experiential knowledge, the biographical reconstruction of participants, the de-typification of ageism, and the expansion of the sense of belonging to the university and the community. It is concluded that intergenerational education, when grounded in social phenomenology and mediated by Trama Viva, constitutes a practice of freedom, humanisation, recognition, and knowledge production.

### **Keywords**

Social phenomenology, Intergenerational education, University of Maturity, Trama Viva, Lifeworld, Ageing, Legal Amazon.

### **Resumen**

Este artículo investiga los significados de las prácticas pedagógicas intergeneracionales desarrolladas en la Universidad de la Madurez de la Universidad Federal de Tocantins (UMA/UFT), a la luz de la fenomenología social de Alfred Schutz, con énfasis en Trama Viva, una ontoepistemología pedagógica situada concebida y desarrollada por Neila Barbosa Osório a lo largo de veinte años de praxis pedagógica en veintidós centros y con más de siete mil quinientos sujetos formados. La investigación adopta un enfoque cualitativo inspirado en la fenomenología y articula la fenomenología husserliana, la fenomenología social de Schutz, la fenomenología de la corporalidad de Merleau-Ponty, la pedagogía crítica de Paulo Freire y bell hooks, así como los fundamentos metodológicos del método fenomenológico descriptivo de Amedeo Giorgi. El campo empírico abarca seis campus de la UMA/UFT en Tocantins (Palmas, Dianópolis, Tocantínia, Araguaína, Tocantinópolis y Brejinho de Nazaré), con un horizonte comparativo proyectado al campus de Soure en Portugal. Los datos se recopilaron mediante 35 entrevistas fenomenológicas, círculos de memoria, observación participante y notas de campo. Los resultados revelan que las prácticas pedagógicas intergeneracionales de la UMA/UFT constituyen experiencias de construcción de significado intersubjetivo, en las que se entrelazan memoria, narrativa, corporalidad, territorio y pertenencia, promoviendo la resignificación del envejecimiento, la legitimación del conocimiento experiencial, la reconstrucción biográfica de los participantes, la desestigmatización del edadismo y la expansión del sentimiento de pertenencia a la universidad y la comunidad. Durante este periodo de cualificación, a través de la investigación realizada, se concluye que la educación intergeneracional, cuando se fundamenta en la fenomenología social y está mediada por la Red Viva, constituye una práctica de libertad, humanización, reconocimiento y producción de conocimiento.

### **Palabras clave**

Fenomenología social, Educación intergeneracional, Universidad de la madurez, Red viviente, Mundo de la vida, Envejecimiento, Amazonía legal.

## **1. Introdução**

O envelhecimento populacional é um dos fenômenos mais significativos do século XXI. No Brasil, o IBGE projeta que, até 2050, os idosos representarão mais de 30% da população. Na Amazônia Legal, essa transformação demográfica encontra especificidades territoriais que a tornam particularmente desafiadora: distâncias geográficas, desigualdades históricas de acesso às políticas públicas e formas próprias de transmissão intergeracional de saberes que coexistem com processos de invisibilização e etarismo.

É nesse contexto que emerge a Universidade da Maturidade (UMA/UFT), projeto de extensão universitária criado pela Professora Dra. Neila Barbosa Osório na Universidade Federal do Tocantins (UFT) em 2006, que completa, em 2026, vinte anos de existência. Reconhecida como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil (2012), a UMA/UFT já formou mais de 7.500 sujeitos em 22 polos distribuídos pelo Tocantins e estados vizinhos, evidenciando seu impacto socioeducacional na Amazônia Legal.

Este artigo apresenta os fundamentos e resultados parciais de uma investigação doutoral em andamento que investiga os significados das práticas pedagógicas intergeracionais desenvolvidas na UMA/UFT, à luz da fenomenologia social de Alfred Schutz e da Trama Viva – ontoepistemologia pedagógica situada concebida por Neila Barbosa Osório. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFT) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/EDUCANORTE), com perspectiva de internacionalização por meio de doutorado sanduíche em Portugal (CAPES/PDSE 2026.2).

A questão central que orienta este estudo é: como a Trama Viva, enquanto ontoepistemologia pedagógica situada, constitui e sustenta a educação intergeracional de forma qualitativa e significativa na Universidade da Maturidade, no Brasil, tendo Portugal como horizonte comparativo projetado, a partir das experiências vividas pelos sujeitos?

O objetivo geral consiste em compreender, à luz da fenomenologia social, como se constituem os sentidos da educação intergeracional na Universidade da Maturidade, tendo a Trama Viva como eixo estruturante. Como objetivos específicos, busca-se: analisar o envelhecimento humano como experiência existencial, social e territorialmente situada; compreender os fundamentos fenomenológicos da educação intergeracional; descrever e interpretar a Trama Viva como epistemologia e práxis pedagógica; analisar as experiências intergeracionais desenvolvidas nos polos brasileiros investigados; e elaborar síntese fenomenológica que possa subsidiar propostas pedagógicas para a educação ao longo da vida.

## **2. Referencial Teórico**

### **2.1 Fenomenologia Social e o Mundo da Vida Intergeracional**

A fenomenologia social de Alfred Schutz (1979) oferece as bases conceituais para compreender a experiência educativa da UMA/UFT. Ao propor que a vida cotidiana se realiza no interior do mundo da vida (Lebenswelt), horizonte de significações cotidianas em que as pessoas agem, recordam, interpretam e projetam, Schutz desloca a produção de sentido do plano das abstrações desencarnadas para o plano das experiências efetivamente vividas.

Nessa perspectiva, o envelhecimento não é um dado isolado, mas experiência vivida em relações, tipificações e estoques de conhecimento sedimentados ao longo da trajetória. A velhice é percebida e significada no interior de expectativas coletivas que, em muitos contextos, a vinculam à perda, à improdutividade e à dependência. O etarismo, assim, aparece como forma específica de tipificação social da velhice, produzindo invisibilidade e, por vezes, autoexclusão.

O conceito de intersubjetividade em Schutz é central para esta investigação. Ao afirmar que o ser humano é ser-com-outros-no-mundo, o autor revela que o conhecimento não se acumula isoladamente, mas flui na reciprocidade de perspectivas. A educação intergeracional, nesse horizonte, constitui espaço privilegiado de circulação de estoques de conhecimento entre gerações, contribuindo para a destipificação do etarismo e para a reconfiguração dos projetos de vida na maturidade.

Edmund Husserl (1913/2006), por sua vez, funda o horizonte epistemológico ao recolocar a experiência no centro do conhecimento, por meio da epoché, da redução fenomenológica e da intencionalidade da consciência. Maurice Merleau-Ponty (1945/1999) acrescenta a dimensão encarnada da experiência, mostrando que o corpo não representa o mundo, mas o habita. O corpo envelhecido, longe de representar limitação, aparece como lugar de memória, percepção e produção de sentido.

Paulo Freire (1996) e bell hooks (2013) politizam esse horizonte ao mostrar que conhecer encarnado e intersubjetivo é também ato de transformação. Quando a aprendizagem reconhece a dignidade da palavra e da presença do sujeito idoso, constitui prática de liberdade e de justiça cognitiva.

## **2.2 A Trama Viva como Ontoepistemologia Pedagógica Situada**

A Trama Viva, concebida e desenvolvida por Neila Barbosa Osório ao longo de vinte anos de práxis pedagógica na Universidade da Maturidade (OSÓRIO; SILVA NETO, 2026), constitui uma ontoepistemologia pedagógica situada. Esta investigação não cria o conceito, mas o sistematiza filosoficamente.

O conceito articula três planos indissociáveis, embora analiticamente distinguíveis: ontológico, epistemológico e pedagógico.

No plano ontológico, a Trama Viva afirma que a pessoa velha permanece sendo ser-no-mundo, ser-no-tempo, ser-com-outros e ser-de-corpo. Os símbolos centrais: o pilão, a rede e o tear; não são meros recursos didáticos, mas dispositivos que convocam o modo de ser da pessoa. O pilão convoca o corpo que trabalhou e lembrou; a rede convoca o ser-com-outros em sua forma de cuidado

e interdependência; o tear convoca a temporalidade narrativa pela qual a pessoa se compreende no tempo.

No plano epistemológico, a Trama Viva afirma que o conhecimento nasce do vivido, da memória, da narrativa e do encontro intersubjetivo nas práticas pedagógicas de Dra Neila Barbosa Osório no chão dos Polos da Universidade da Maturidade pelo Tocantins.

Os saberes da experiência têm estatuto epistêmico legítimo, irreduzível ao conhecimento escolar convencional. O provérbio Xerente *Nhitã nãkre kê waptokwa kê waihârâ*, que significa “o conhecimento do velho ilumina o caminho dos jovens” (OSÓRIO; SÕPRÉ; SILVA NETO, 2026), aprofunda a contribuição schutziana ao mostrar que o conhecimento não se acumula como estoque estático, mas flui do passado por meio do velho para o futuro como passagem viva entre gerações.

No plano pedagógico, a Trama Viva materializa-se em práxis educativa concreta, verificável em vinte anos de existência e vinte e dois polos. O pilão designa o trabalho de acolher a experiência bruta e transformá-la em saber passível de partilha; a rede designa a organização das relações em que o aprender se realiza como acontecimento relacional; o tear designa a composição dos fios narrativos em uma tessitura de sentido.

O qualificativo situado não é mero adjetivo geográfico, mas operador filosófico que recusa qualquer pretensão de universalidade abstrata. Enrique Dussel (1998) distingue dois tipos de pretensão universal: o universalismo abstrato, proclamado pelo centro hegemônico; e o universalismo concreto, que emerge da experiência particular dos excluídos. A Trama Viva inscreve-se neste segundo registro: nasce da Amazônia Legal para dialogar com outros mundos da vida.

Boaventura de Sousa Santos (2010) propõe que as epistemologias do Sul não são localismos em oposição ao universal, mas conhecimentos situados com vocação de tradução entre mundos da vida distintos. A Trama Viva inscreve-se nesse movimento: parte da Amazônia Legal não para se fechar nela, mas para oferecer ao diálogo intercultural o que apenas daqui pode ser visto.

### **2.3 Envelhecimento, Educação ao Longo da Vida e Intergeracionalidade**

A literatura gerontológica contemporânea aponta para a necessidade de superar perspectivas que reduzem o envelhecimento à decadência biológica. Simone de Beauvoir (1990) já demonstrava que a velhice é também construção social, exigindo deslocar a análise para além da cronologia biológica.

A educação ao longo da vida ocupa lugar central neste debate. Quando a aprendizagem é tratada como direito permanente e não como privilégio da juventude, a maturidade deixa de ser pensada como tempo residual. A Universidade da Maturidade, ao instituir-se como espaço contra

hegemônico, tensiona representações sociais que associam a velhice à improdutividade e ao silêncio, revelando que o envelhecimento pode constituir-se como tempo de aprendizagem, autoria e presença no mundo.

A educação intergeracional, conforme a perspectiva fenomenológica aqui adotada, não se reduz a estratégias de convivência entre grupos etários. Ela constitui espaço de produção intersubjetiva de sentidos, no qual memória, corporeidade e narrativa se entrelaçam para ressignificar trajetórias e criar novas possibilidades existenciais. Quando sujeitos de diferentes gerações compartilham o mesmo tempo e espaço acadêmico, deslocam tipificações sedimentadas e constituem relações fundadas na reciprocidade de perspectivas.

### 3. Percorso Metodológico

A pesquisa adota abordagem qualitativa de inspiração fenomenológica, fundamentada no método fenomenológico descritivo de Amedeo Giorgi (2009), articulado à Trama Viva como dispositivo interpretativo. Em conformidade com o método de Giorgi, a análise se organiza em cinco etapas: (1) leitura integral das narrativas para apreensão do sentido geral; (2) identificação de unidades de significado; (3) transformação fenomenológica das unidades; (4) síntese estrutural; e (5) generalização descritiva.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – CAEE nº 94726525.6.0000.5519/2026.

O campo empírico abrange seis polos da UMA/UFT no Tocantins: Palmas, Dianópolis, Tocantínia, Araguaína, Tocantinópolis e Brejinho de Nazaré, com horizonte comparativo projetado para o Polo de Soure, em Portugal, no âmbito do doutorado sanduíche (CAPES/PDSE 2026.2). Os participantes da pesquisa são adultos e velhos vinculados à UMA/UFT (a partir de 45 anos), bem como educadores e coordenadores envolvidos nas práticas pedagógicas intergeracionais.

Para a elaboração do presente artigo, tomam-se como base os dados produzidos até a etapa de qualificação, compreendendo: 35 entrevistas fenomenológicas semiestruturadas (15 em Palmas, 6 em Dianópolis, 6 em Tocantínia e 8 em Araguaína); rodas de memória realizadas nos quatro polos já investigados; observação participante em aulas e atividades da UMA/UFT; e diário de campo.

Os polos receberam codinomes inspirados na árvore ipê, símbolo da resiliência e do florescimento do Cerrado tocantinense: Ipê-amarelo (Palmas), Ipê-branco (Tocantínia), Ipê-rosa (Araguaína), Ipê-roxo (Dianópolis). Os participantes foram identificados por codinomes que preservam seu anonimato.

## 4. Resultados e Discussão

### 4.1 Categorias Fenomenológicas Emergentes

Da análise fenomenológica das 35 entrevistas e das rodas de memória emergiram seis categorias fundamentais, articuladas em torno de dez unidades de significado (US):

**Tabela 1**

<b>Categoria Fenomenológica</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Síntese do Sentido Emergente</b>
Ressignificação do envelhecer	US01 – Resignificação do envelhecimento; US10 – Superação do etarismo	Transformação da percepção da velhice; questionamento de estereótipos
Aprender na maturidade	US02 – Reconhecimento dos saberes; US03 – Aprender na maturidade; US08 – Reconstrução do projeto de vida	Valorização da trajetória biográfica; reabertura de horizontes existenciais
Corpo, presença e aprendizagem	US06 – Corporeidade na aprendizagem	Participação do corpo na prática educativa; dignidade pedagógica
Memória, narrativa e identidade	US07 – Memória e narrativa	Partilha de histórias de vida; identidade narrativa na maturidade
Intersubjetividade e pertencimento	US04 – Pertencimento institucional; US05 – Intersubjetividade; US09 – Educação como espaço de cuidado	Aprendizagem mediada pela relação com o outro; relações de afeto e acolhimento
Educação intergeracional como prática de liberdade	Articulação com Freire, hooks e Schutz	Educação que humaniza, liberta e produz conhecimento situado

Fonte: Elaborado pelas/pelos autoras/autores (2025/2026), a partir da análise fenomenológica das entrevistas e rodas de memória.

A leitura transversal do quadro permite identificar que as dez unidades de significado não constituem categorias estanques, mas dimensões mutuamente implicadas de um mesmo fenômeno vivido. A resignificação do envelhecimento (US01) e a superação do etarismo (US10) formam o arco mais amplo da experiência: é pelo questionamento das tipificações sociais da velhice que se torna possível a abertura para as demais unidades. O reconhecimento dos saberes da experiência (US02) e o aprender na maturidade (US03) revelam que a entrada na Universidade da Maturidade não representa ruptura com a trajetória biográfica do sujeito, mas sua revalorização como matéria legítima de conhecimento.

A reconstrução do projeto de vida (US08) aponta para a dimensão prospectiva desse processo: o ingresso na UMA/UFT não apenas elabora o passado, mas reabre horizontes existenciais que o etarismo havia interditado. A corporeidade na aprendizagem (US06) e a memória e narrativa (US07)

evidenciam que esse processo não se dá em plano puramente cognitivo, mas envolve a presença integral do sujeito, seu corpo, sua história, sua voz.

O pertencimento institucional (US04), a intersubjetividade (US05) e a educação como espaço de cuidado (US09) revelam que a aprendizagem na maturidade é fundamentalmente relacional. Ela se constitui no encontro com o outro, na escuta partilhada e no reconhecimento mútuo.

Em conjunto, as dez unidades de significado delineiam a estrutura essencial do fenômeno investigado: a educação intergeracional na UMA/UFT constitui-se como tessitura de sentidos na qual envelhecer, aprender, pertencer e narrar-se são dimensões indissociáveis de uma única experiência de humanização.

#### **4.2 Resignificação do Envelhecer: A Universidade como Reabertura Simbólica**

A resignificação do envelhecer constitui a categoria mais abrangente emergida da análise. Em todos os quatro polos investigados, os participantes descreveram o ingresso na UMA/UFT como um deslocamento profundo em sua percepção de si mesmos e da velhice.

No polo Ipê-Amarelo (Palmas), um participante sintetizou esse deslocamento:

Quando eu cheguei aqui, achei que ia só ouvir aula. Depois percebi que aqui a nossa vida também entra na aula. O que a gente viveu não fica do lado de fora. (R. P. S., Ipê-Amarelo, 2025)

Esse enunciado revela, na perspectiva schutziana, a emergência de um novo campo de relevância. O espaço universitário reconfigura o estoque de conhecimento dos participantes, deslocando-os de tipificações etaristas internalizadas para novas formas de autopercepção. A universidade não apaga as trajetórias biográficas; ao contrário, as convoca como material legítimo de formação.

No polo Ipê-Roxo (Dianópolis), a narrativa de uma participante evidencia a ruptura com memórias escolares marcadas pelo silenciamento:

No começo eu tinha vergonha de falar. Eu pensava que todo mundo sabia mais do que eu. Depois fui vendo que aqui não era igual ao tempo da escola, que a gente podia falar da nossa vida sem ser julgada. (Ipê-Roxo, 65 anos, 2025)

Essa fala articula dois movimentos fenomenológicos fundamentais: a ruptura com a tipificação sedimentada de 'não saber' e a reabertura do projeto existencial pela palavra. Em termos

freireanos, trata-se da passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, mediada pela experiência de ser reconhecido como portador de saber.

#### **4.3 Aprender no Entardecer da Vida: Motivos-Para e Motivos-Porque**

A análise fenomenológica revelou que os participantes atribuem à experiência na UMA/UFT sentidos que vão muito além da aquisição de conteúdos. Em termos schutzianos, tanto os motivos-porque (os elementos biográficos que impulsionaram o ingresso) quanto os motivos-para (os projetos que se abrem a partir da participação) se articulam em uma temporalidade que ressignifica passado, presente e futuro.

Os motivos-porque mais recorrentes incluíram: solidão e viuvez; desejo de aprender que foi interrompido pela necessidade de trabalho e cuidado familiar; busca de pertencimento comunitário após aposentadoria. Os motivos-para mais frequentes incluíram: querer ser útil à família e à comunidade; desejo de continuidade nos estudos; expectativa de ampliar a participação social.

Essa articulação entre motivos-porque e motivos-para revela que a aprendizagem na maturidade não é fenômeno compensatório, mas continuidade existencial. O aprender aparece nas narrativas como reabertura de horizonte, reconstrução biográfica e reinscrição no mundo comum. Como afirma Paul Ricoeur (1994), é na narrativa que a experiência do tempo humano se torna inteligível; e é na roda de memória da UMA que o vivido se transforma em saber passível de partilha.

#### **4.4 Corporeidade, Território e a Trama Viva em Ação**

A análise das observações participantes e das entrevistas evidenciou que a Trama Viva não é apenas conceito teórico, ela se materializa concretamente nas práticas pedagógicas. O uso do pilão, da rede e do tear como mediações simbólicas produz efeitos pedagógicos mensuráveis na experiência dos participantes.

Em Tocantínia (Ipê-Branco), polo marcado pela presença do povo Akwê-Xerente, a Trama Viva encontra sua ancoragem mais profunda. O *Warã*, espaço circular de decisão e transmissão da palavra ancestral, ressoa com a prática das rodas de memória, revelando que a UMA não apenas aprende com o território indígena, mas o reconhece como co-fundamento epistemológico. O provérbio Xerente *Nhitã nãkre kê waptokwa kê waihârâ*, encontra eco nas práticas intergeracionais da UMA: o conhecimento dos velhos ilumina o caminho dos jovens.

Em Araguaína (Ipê-Rosa), a densidade urbana e regional do polo produziu narrativas marcadas pela diversidade de trajetórias e pela forte ênfase nas redes de sociabilidade. Participantes de diferentes origens como: ribeirinhos, migrantes nordestinos, populações quilombolas, encontraram

na roda de memória um espaço de reconhecimento mútuo e de elaboração compartilhada de suas experiências.

Em Dianópolis (Ipê-Roxo), a memória comunitária do sertão tocantinense – atravessada por histórias de mineração, de conflitos fundiários e de resistência – emergiu com particular densidade nas rodas de memória. O pilão, como símbolo, evocou tanto a ancestralidade indígena quanto a herança quilombola, revelando as camadas superpostas de memória que habitam a Amazônia Legal.

#### **4.5 Intersubjetividade e Pertencimento: A Universidade como Comunidade Interpretativa**

Os resultados revelaram consistentemente que a experiência de pertencimento à UMA/UFT constitui dimensão central na ressignificação do envelhecer. Em termos schutzianos, os participantes descrevem a constituição de uma autêntica relação-nós, fundada na reciprocidade de perspectivas e no compartilhamento de estoques de conhecimento.

A comparação fenomenológica entre os quatro polos investigados evidenciou que, apesar das diferenças territoriais, culturais e biográficas, há convergências estruturais na experiência de pertencimento. Em todos os polos, os participantes descreveram a UMA/UFT como espaço em que *a nossa vida também entra na aula, como lugar onde a gente é ouvida, como segunda família*. Essa convergência revela que a Trama Viva, ao organizar o espaço pedagógico em torno da escuta, da narrativa e da circularidade, produz condições estruturais para a emergência do pertencimento.

Ao mesmo tempo, a análise evidenciou tensões e ambivalências que não devem ser romantizadas. Alguns participantes relataram dificuldades iniciais de adaptação ao espaço universitário, sentimentos de inadequação, receios de não acompanhar o ritmo das atividades. Essas tensões revelam que o etarismo não desaparece automaticamente pela entrada na universidade; ele precisa ser trabalhado pedagogicamente, processo para o qual a Trama Viva oferece dispositivos específicos.

#### **4.6 Educação Intergeracional como Prática de Liberdade**

A sexta categoria emergente articula as anteriores em uma síntese que transcende a dimensão pedagógica para alcançar a dimensão ético-política. Em diálogo com Paulo Freire (1996) e bell hooks (2013), a educação intergeracional na UMA/UFT revela-se como prática de liberdade situada.

Ao dar voz e vez ao velho, a Trama Viva não apenas descreve o mundo da vida; reconfigura-o. A palavra que emerge nas rodas de memória, nas narrativas de vida, nas trocas em sala não é palavra solta; é palavra enraizada em trajetórias, perdas, trabalhos, pertencimentos e recomeços.

Quando essa palavra encontra a elaboração pedagógica, deixa de ser apenas relato e se converte em conhecimento partilhado, o que bell hooks (2013) nomeia como ato epistêmico.

A análise revelou que, ao reconhecer o velho como sujeito de saber, a Trama Viva desafia lógicas educacionais padronizadoras que historicamente marginalizaram determinados corpos, idades e formas de conhecimento. Sua pedagogia é prática de humanização e de justiça cognitiva: não inclui sujeitos numa estrutura previamente dada, mas reordena a própria estrutura do que conta como formação, como saber e como presença legítima no espaço universitário.

## 5. Horizonte comparativo: Brasil e Portugal

A perspectiva comparativa desta investigação projeta-se para o Polo de Soure, em Portugal, no âmbito do doutorado sanduíche (CAPES/PDSE 2026.2). Natural de Soure, Ricardo Pocinho é referência nacional em Gerontologia Social e Educação ao Longo da Vida, e a parceria entre a UMA/UFT e o Instituto Politécnico de Leiria concretiza-se num acordo bilateral reconhecido pelo IV Seminário Internacional de Gerontologia e Envelhecimento Ativo (Sigero 2026).

Em termos fenomenológicos, a comparação Brasil-Portugal não busca equivalência entre experiências, mas a explicitação de convergências e singularidades que ampliam o horizonte interpretativo da pesquisa. Ambos os contextos partilham marcos históricos e políticos relevantes: o envelhecimento acelerado da população, a valorização da educação ao longo da vida e o reconhecimento da intergeracionalidade como estratégia de coesão social.

As singularidades, por sua vez, são igualmente reveladoras. O contexto amazônico imprime à educação intergeracional da UMA/UFT uma dimensão territorial, étnica e ancestral que a diferencia substantivamente dos modelos europeus. A presença indígena Akwê-Xerente, as comunidades quilombolas, as populações ribeirinhas, cada uma com suas formas próprias de transmissão intergeracional, conferem à Trama Viva uma riqueza epistemológica que nenhum modelo universal pode capturar.

A hipótese comparativa central é que as práticas pedagógicas intergeracionais, em ambos os contextos, produzem efeitos fenomenologicamente análogos de ressignificação do envelhecer e de ampliação do pertencimento, mas a partir de mundos da vida radicalmente diferentes. A comparação permitirá, portanto, distinguir o que é estruturalmente constitutivo da educação intergeracional daquilo que é historicamente singular ao contexto amazônico.

## 6. Considerações Finais

Este artigo apresentou os fundamentos e resultados parciais de uma investigação que revela a educação intergeracional, quando fundamentada na fenomenologia social e mediada pela Trama Viva, como prática de liberdade, humanização, reconhecimento e produção de conhecimento situado.

As seis categorias fenomenológicas emergentes: ressignificação do envelhecer, aprender na maturidade, corpo e presença, memória e identidade, intersubjetividade e pertencimento, e educação como prática de liberdade, revelam que as práticas pedagógicas intergeracionais da UMA/UFT não se reduzem à transmissão de conteúdos. Elas se constituem como experiências de construção intersubjetiva de sentidos, nas quais a velhice é destipificada, os saberes da experiência são legitimados e o pertencimento à universidade é vivido como reabertura existencial.

A Trama Viva, ao articular os planos ontológico, epistemológico e pedagógico em uma ontoepistemologia pedagógica situada, oferece contribuição original ao campo da educação intergeracional. Ela demonstra que é possível construir, a partir da Amazônia Legal, uma epistemologia que nasce do particular para dialogar com o universal – não pelo apagamento de sua singularidade, mas pela profundidade de seu enraizamento.

Do ponto de vista das implicações para as políticas públicas, os resultados desta investigação reforçam a necessidade de reconhecer a educação ao longo da vida como direito e de investir em programas intergeracionais capazes de promover a ressignificação do envelhecer, a legitimação dos saberes da experiência e a produção de pertencimento comunitário. A UMA/UFT, como Tecnologia Social reconhecida, oferece um modelo replicável que pode inspirar iniciativas similares em outros contextos da Amazônia Legal e além.

As etapas subsequentes da investigação incluem a conclusão da pesquisa de campo nos polos de Tocantinópolis e Brejinho de Nazaré, a realização do doutorado sanduíche em Soure (Portugal) e a elaboração do produto educacional em formato de e-book e livro impresso, sistematizando a proposta de práticas pedagógicas com fundamentação fenomenológico-social para a educação intergeracional.

## 7. Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DE SOUZA, Marileide Carvalho. *A Fenomenologia Social no Tecer das Práticas Pedagógicas Intergeracionais na Universidade da Maturidade (UMA/UFT) na Amazônia Legal: Saberes, Experiências e Memórias*. Tese de Qualificação de Doutorado em Educação. Palmas: PPGE/UFT e PGEDA/EDUCANORTE, 2026.

- DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIORGI, Amedeo. *The descriptive phenomenological method in psychology: a modified Husserlian approach*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 2009.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. (Originalmente publicado em 1913.)
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Originalmente publicado em 1945.)
- OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio da. *Trama Viva: fundamentos e práticas da educação intergeracional na Universidade da Maturidade*. Palmas: EDUFT, 2026.
- OSÓRIO, Neila Barbosa; SÔPRÉ, Ilda; SILVA NETO, Luiz Sinésio da. *Caderno de Educação Intercultural e Tradução Territorial: saberes Akwẽ-Xerente na Trama Viva*. Palmas: EDUFT, 2026.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers I: the problem of social reality*. The Hague: Martinus Nijhoff, 2012.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.